

RATOS

ATACAM APARELHO DE COMBATE AO CÂNCER NO HBDF

ANA BEATRIZ MAGNO
DA EQUIPE DO CORREIO

Documentos obtidos com exclusividade pelo **Correio Braziliense** mostram que o tratamento de câncer na capital do Brasil entrou em colapso. Os sinais de caos tocaram na sexta-feira, 2 de março, quando técnicos da multinacional alemã Siemens foram ao Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) consertar o único acelerador linear de toda a rede pública. É o equipamento mais importante do setor de radioterapia, destrói tumores por meio da emissão de radiações, ajuda a aliviar o sofrimento de 84 pessoas por dia em Brasília e custa cerca de R\$ 1,6 milhão.

Era a segunda vez que a máquina pifava em apenas três semanas. Os funcionários da empresa fabricante desvendaram rapidamente o problema e anotaram, na ordem de serviço de número 301345044, um vergonhoso alerta: "Solicitamos atenção do cliente. O defeito foi provocado por ataques de roedores (ratos) à fiação do equipamento. Aconselhamos a colocação de veneno".

Duas semanas depois, o acelerador linear seguia quebrado no final da tarde de sexta-feira. As consultas foram remarcadas. A direção da unidade de radioterapia diz que colocou ratoeiras e redes nas canaletas da área, mas admite que a presença dos roedores transmissores de leptospirose, é comum ali.

O caso chegou ao Ministério Público, horrorizou a promotora Cátia Gisele Martins, titular da 2ª Promotoria de Defesa da Saúde, e provocou a abertura de uma investigação específica sobre o serviço oncológico no DF. Três médicos, dois deles ocupantes de cargos de chefia no Hospital de Base, já prestaram depoimento ao MP e admitiram que a presença de roedores é apenas a face mais escabrosa de uma área contaminada pelo descaso.

"Estou de fato indignada, como promotora e como cidadã", diz Cátia Gisele. "Fora os pacientes, não há inocentes nessa história. Todos têm responsabilidade, os médicos, os técnicos, os diretores, os órgãos fiscalizadores e os gestores. Muita coisa se passa até que ratos estraguem um equipamento."

Escorpiões

O setor de radioterapia fica no ambulatório do Hospital de Base, um prédio térreo, virado para o Setor Comercial Sul. "O local é muito antigo e necessita de uma obra com urgência. Antes havia também muitos escorpiões aqui. O problema com os escorpiões foi sanado, mas permanece a problemática dos roedores", reconheceu uma das médicas, no depoimento para a promotora, na tarde de 8 de março.

Suas palavras são desoladoras. Quase 60% dos pacientes de câncer precisam de radioterapia. O serviço do Hospital de Base é o único da rede pública. Faltam medicamentos, reagentes químicos, marcadores tumorais e até papel para registrar as consultas. A área de imunohistoquímica, fundamental para avaliar a evolução das células cancerígenas, não funciona. Os poucos aparelhos vivem quebrados.

Além do acelerador linear, há mais dois equipamentos na radioterapia — o Cobalto, cujas pastilhas já perderam metade de sua potência e o Stabilipan, importante para tratar câncer de pele. "O Stabilipan também não está funcionando. Não está funcionando desde 2005 por falta de calibração. Os pacientes são encaminhados para Goiânia e Anápolis (GO)", explicou a doutora.

"Com o câncer a gente luta contra o tempo. A falta de medicamentos prejudica o tratamento, podendo até inviabilizá-lo se o atraso for muito grande", desabafa o oncologista Marcus Vinícius Tavares de Cunha Melo, chefe da unidade de oncologia clínica do hospital e único dos doutores ouvidos pelo MP que não pediu ao **Correio** que omitisse seu nome. "Não tenho de medo de falar. O que estamos vivendo na oncologia do DF é muito sério."

Constrangimento

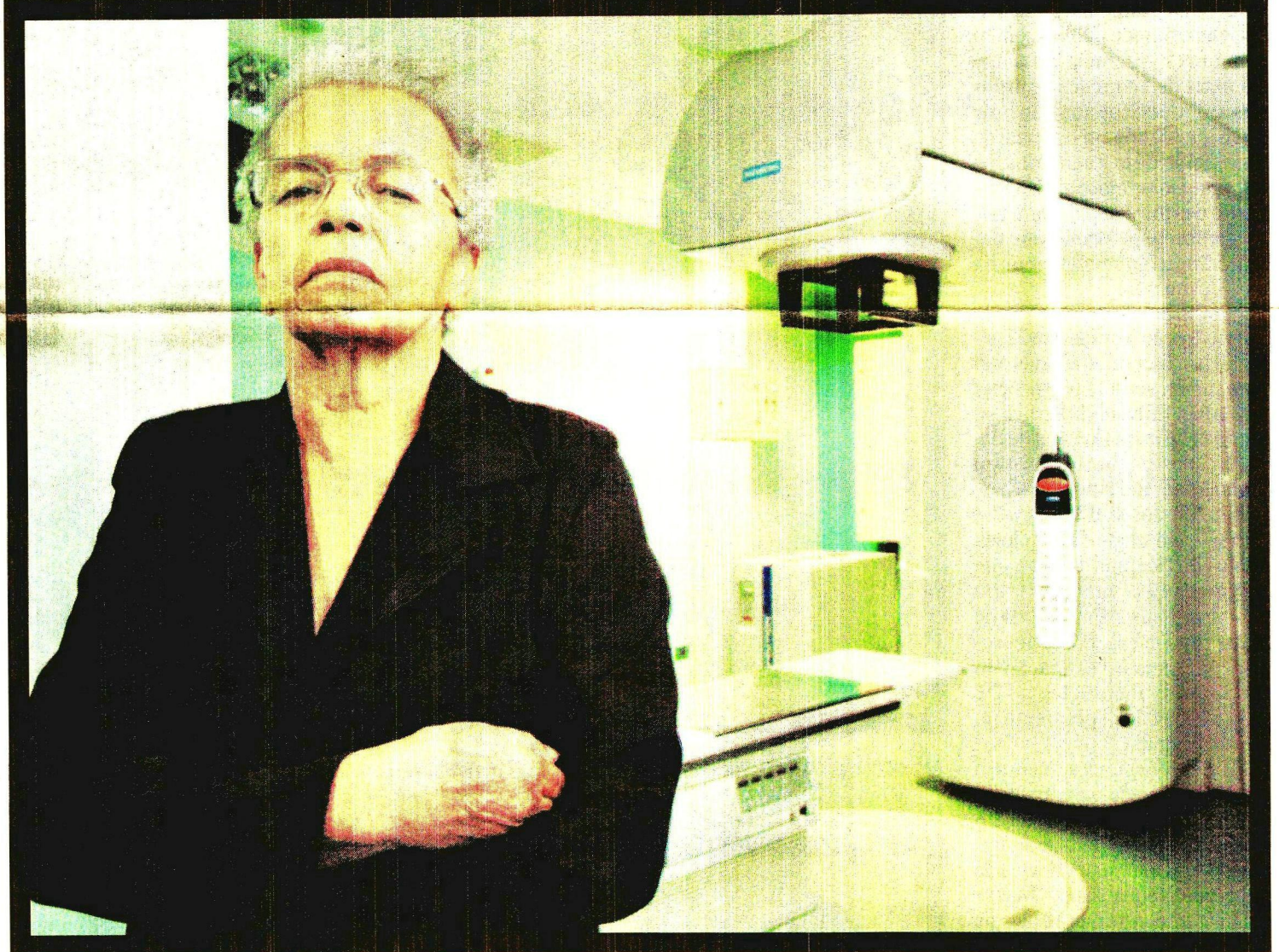
O diretor do Hospital de Base, o neurocirurgião Ronaldo Pereira, 55 anos, reconhece a gravidade da situação, admite que os aparelhos estão operando no limite e que as instalações sofrem com quatro décadas de sucateamento. Sobre os ratos e escorpiões, o neurocirurgião confessou constrangimento e disse que em 34 anos de hospital jamais viu nada igual: "Fazemos a desratização de três em três meses. Só que as instalações estão velhas, temos projeto para reformar aquela área, mas não podemos parar com a radioterapia. É a única da rede. Como vou mandar essas pessoas para casa sem tratá-las?"

Dona Enelita Ferreira, 66 anos, retornou para casa, em Taguatinga, na última sexta-feira, sem o tratamento. Ela luta contra tumores na mama, já retirou parte dos nódulos e precisa da radioterapia para liquidar o restante. Achava que a primeira batalha seria anteontem, mas às 17h05 um atendente lhe avisou que o acelerador estava quebrado. "Acho isso uma pouca vergonha. Não sou só eu que preciso dos aparelhos. Muita gente precisa. Luto contra um negócio que pode me matar".

LEIA MAIS SOBRE A CRISE DO
SERVIÇO ONCOLÓGICO NA

PÁGINA 28

Jose Varella/CB



ENELITA FERREIRA EM FRENTE AO ACELERADOR LINEAR QUEBRADO: "ACHO ISSO UMA POUCA VERGONHA. ESTOU LUTANDO CONTRA UM NEGÓCIO QUE PODE ME MATAR"